

(2010) **BERNARD VENABLES**, *BALEIA! OS BALEEIROS DOS AÇORES*.

[TRADUÇÃO DE FERNANDO J. F. SILVA DO ORIGINAL *BALEIA! THE WHALERS OF THE AZORES*, THE BODLEY HEAD LTD., LONDRES, 1968]

HORTA, PETER CAFÉ SPORT

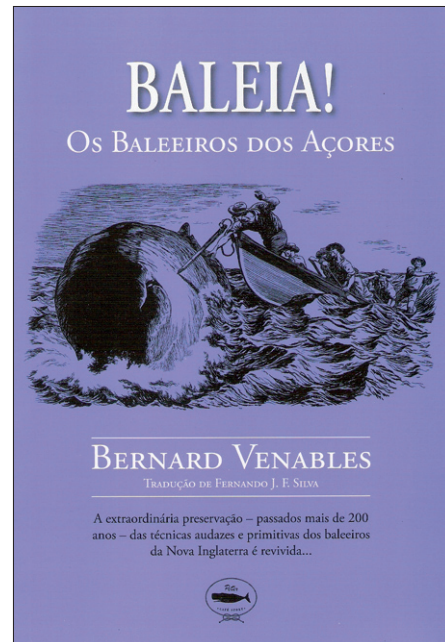
Francisco António Nunes Pimentel Gomes – Núcleo Cultural da Horta.  
franciscoanpgomes@sapo.pt

Na década de 60 do século passado, a curiosidade de Bernard Venables [n. 1907, f. 2001] focalizou-se nos Açores quando lhe contaram que no arquipélago açoriano o cachalote “ainda era caçado por homens em pequenos botes abertos, sem motor, só com velas, remos e pagaiais” e que “as suas armas, assaz débeis para tamanha presa, eram o arpão e a lança manuais.”

Ouvida na “confinada segurança londrina”, a história, “assim selvagem”, começou por encantar Venables num primeiro momento, para, logo de seguida, se transformar numa “curiosidade obsessiva”, porventura alimentada pelos seus conhecimentos – que eram não apenas teóricos, mas também práticos – da pesca.

A este propósito, importará lembrar, por exemplo, que o maior tubarão até então apanhado no hemisfério norte tinha sido capturado em 1959 por Bernard Venables ao largo da Madeira e que o seu livro *Mr. Crabtree Goes Fishing – A Guide in Pictures to Fishing Round the Year*, dado à es-

tampa pela primeira vez em 1949, se transformara entretanto num dos mais populares livros de pesca de sempre, com mais de dois milhões de exemplares vendidos. Como se vê, a pesca e os assuntos da pesca não eram de todo estranhos para este jornalista inglês.



Mas apesar da sua multifacetada experiência de vida – foi escritor, jornalista, projectista, tipógrafo, pintor, escultor, naturalista –, Venables tinha confessada dificuldade em conceber, nos tempos que então corriam, “qualquer tipo de homem capaz de enfrentar um perigo tão real, dia após dia e de forma tão elementar” como lhe diziam ainda acontecer com os baleeiros açorianos.

E como “a curiosidade obsessiva cresce até um certo limite, mas depois tem que ser satisfeita”, só lhe restava uma opção: “tinha que [v]ir aos Açores, tinha que conhecer aqueles homens, tinha que ver aquelas ilhas solitárias.”

E veio! Creio que em 1966/67, com demora de alguns meses, quase integralmente passados na ilha do Faial, onde apreendeu, em profundidade, a vivência da ilha em geral, e, de forma muito particular e verdadeira, a dos baleeiros, um mundo *sui generis*, cujas prioridades, como ele próprio observa, eram ditadas pelo “bombão”. Em resultado dessa sua estada no Faial, Bernard Venables escreveu, então, *Baleia! The Whalers of the Azores*, um livro que conheceu a sua edição original logo em 1968, em Londres, seguida de uma edição americana, que foi lançada em 1969 em Nova Iorque.

Decorridos 42 anos sobre a edição original, eis que surge agora nos

escaparates a edição portuguesa de *Baleia! Os Baleeiros dos Açores*, numa feliz iniciativa do Peter Café Sport, à qual, por certo, não será alheio o facto de Venables ter dedicado este interessantíssimo livro a Henrique e a José (Peter) Azevedo, de quem disse: “Nunca um viajante encontrou melhores amigos”.

Com 216 páginas e boa apresentação gráfica, esta edição portuguesa tem tradução de Fernando J. F. Silva e apresenta-se ilustrada com um interessante conjunto de fotografias (22), mapas (2), desenhos técnicos (3) e gravuras (27) do autor. A produção e adaptação gráfica tem a assinatura da Sigma e a impressão é da Nova Gráfica.

Estruturalmente, o livro está dividido em 10 capítulos, que são antecedidos de um *Prólogo* que Bernard Venables assinou em Outubro de 1967, o qual, por sua vez, é precedido nesta edição de 2010 por uma *Nota do Editor Português*, subscrita por José Henrique Azevedo.

O 1.º capítulo, dedica-o o autor à sua viagem até ao Faial – rápida e fácil de Londres a Santa Maria, a bordo de um moderno avião da TAP, mas, como ele próprio observa também, “a partir daí, o declínio da modernidade foi brutal, as noções de tempo e distância pareciam querer esvair-se-me da consciência.” De facto, à viagem no *Dakota* da SATA, que o tinha dei-

xado nas Lajes, seguir-se-ia, dois dias depois, uma quase interminável viagem de 11 horas até à Horta, a bordo do iate *Espírito Santo*, no qual, para seu espanto e temor, tinham com ele embarcado no Porto de Pipas “um monte de gente” (tanta, que ele até julgara que muitos estivessem ali por mera curiosidade ou para se despedirem de alguém) e ainda “a mistura de carga mais incrível que barco algum jamais levou”. Ainda à margem das baleias, no 2.º capítulo Venables escreve sobre o seu primeiro contacto com a Horta e sobre uma “intimidade” que, para o autor, “deve começar” pelo João do Talho e pelo Café Sport, já que pelo “filtro destes locais” (...) passa, mais tarde ou mais cedo, tudo quanto de consequente acontece no Faial.”

Ao longo dos restantes capítulos deste livro, que se encontra por certo entre os melhores que até hoje foram escritos sobre a baleação costeira açoriana, o autor descreve, com rigor, todo “o processo pelo qual se persegue e mata uma baleia, desde o “trancamento” até à morte.” Mas Venables não se fica por aqui e, a par de aspectos como o reboque e a “desmancha” da baleia, ou as pormenorizadas descrições que faz dos utensílios baleeiros, aborda também uma multiplicidade de assuntos correlacionados que vão do *scrimshaw* ao regulamento da caça à baleia, da forma de remunera-

ção dos baleeiros aos acidentes que pontuam a história da baleação insular, passando ainda pela festa dos baleeiros e pelas referências, com nome próprio, a um sem número de pessoas do Faial e do Pico, na sua maioria – mas não apenas – baleeiros.

Como naturalista que era, Venables, que durante a sua estada na Horta foi duas vezes à baleia, tendo mesmo assistido à morte de dois cachalotes, não ignora toda a violência que culmina no “*flurry*, uma agonia de morte imensa e lenta para o pobre cetáceo e o último momento de perigo grave para os homens”. Mas a sua inteligência e discernimento levam-no, também, a reconhecer que comparar a baleação açoriana à baleação letalmente mecanizada que, noutras paragens, era então responsável por “carnificinas impessoais e devastadoras”, (...) “seria como comparar a caça com arco e flecha a um moderno matadouro.” E, para reflexão geral, acrescenta ainda: “As pessoas, na segurança das cidades, podem censurar a predação humana, mas não devem esquecer que também participam nela; apenas delegam a sua parte no sistema e sustentam-se dos resultados, sem se envolverem nos actos.” Que mais poderia dizer sobre *Baleia! Os Baleeiros dos Açores?* Simplesmente, que vale a pena ler! FRANCISCO ANTÓNIO NUNES PIMENTEL GOMES

